

Chile, alegria ya viene



Por **MARILIA PACHECO FIORILLO***

Estamos tão desacostumados com lindas notícias que quase precisamos nos reprogramar para metabolizar a vitória do bem

Tive o privilégio, em 1988, de fazer a cobertura jornalística do plebiscito sobre a permanência ou não do ditador Pinochet no Chile, publicada na revista *Isto é* de então. A crônica do cotidiano dessa reportagem-batalha é uma história à parte para contar outra vez. Basta dizer que nós, jornalistas do mundo todo, fomos recebidos inicialmente a pão de ló pela ditadura que reservou uma ampla e sofisticada sala de imprensa no melhor hotel da capital, e dava passe-livre a quem usava crachá.

Claro que os apagões e bombas de *lacrimógeno* eram diários, constantes. Os ambulantes em Santiago ofereciam com sua sapiência ancestral (aquela idéia de que culturas que comerciam abominam confrontos que só dão prejuízo) anunciam em voz alta “*internas para los apagones!*” e “*limones para lacrimógenos*”, calmos e diretos! Os mais prudentes de nós estocamos essa artilharia brancaleônica, até que o resultado saísse. O autoengano e a megalomania de Pinochet só tinham rival em sua残酷, e ele e a junta nos adulavam. Mas na vida como ela é, os comícios do *No* eram supervisionados por tanques. Dava medo, mas íamos, pois maior era a gana de ver uma sanguinolenta tirania se esborar.

O *No* levou. De lavada. Foi magnífica a campanha na TV, tão bem retratada e verossimilhante no filme com Gabriel García Bernal (e sua briga interna na oposição para convencer que uma publicidade calcada no chamado à felicidade, e em balés, cavaleiros pampeiros, humor, cantoria, seria mais eficaz que uma campanha justamente ressentida de acerto de contas).

Muita gente, em Santiago, manifestava encabulada o seu desprezo a Pinochet acionando o para-brisa sem que chovesse, o gesto do não na vidraça do carro. Padres e freiras (a Igreja chilena não era a argentina...) se sentavam nas praças e ruas, numa resistência pacífica recebida a jatos de gás. Horas antes do resultado, passeando pela periferia, presenciei a cena mais comovente de todas minhas reportagens: num ônibus quase vazio, uma senhora de idade, ao ver meu crachá no pescoço, encostou a mão na janela e fez não, várias vezes, com o dedo. Frágil, sozinha, idosa, vulnerável, vítima. Mãe (avó) Coragem.

Isso foi antes do resultado. Quando o *No* ganhou, de lavada, e não tinha jeito de ser fraudado; nós, jornalistas e observadores internacionais, um minuto atrás intocáveis, apanhamos para valer. E como apanhamos! Então nos abrigamos no *roof* do hotel antes hospitaleiro, e a cena era tragicômica: parecia um PS de Cruz Vermelha, muitos de nós de braço quebrado, hematomas, muleta e esparadrapo a dar com pau. Lembro do discurso veemente, e aplaudido, do enviado sênior da BBC. Enquanto isso, nas ruas, a população saia de casa, se avolumava epulava em uníssono (é, os chilenos tem essa manha de pulsar sincronizados) cantando “*Chi, chi, chi, lê, lê, lê, que se vaya Pinochet*”.

Amarcord, faço eu, com a escusa de falar em primeira pessoa, pois a vitória de Gabriel Boric nas eleições de ontem está longe de ser apenas a vitória da esquerda contra a extrema-direita. É um susto e júbilo. É mais do que parece. É, mesmo que só agora, uma vitória do planeta inteiro.

Soube dela pelo noticiário internacional, pois a mídia convencional brasileira mal tocou no assunto, ocupada com Temer e acadêmicos longilíneos. Soube dela após ter assistido, com pesar a angústia, uma filmagem exclusiva das atrocidades que

a terra é redonda

os militares de Myanmar estão cometendo em vilarejos ao norte, torturando a esmo camponeses durante o dia inteiro e matando dezenas de pessoas, com requintes de crueldade cuja abominação só se compara à fala do porta-voz desse décimo círculo do Inferno (que Dante esqueceu), General Zaw Min Tun. Ele não negou a carnificina, e até a recomendou (filmado). No vídeo, os gritos da netinha pedindo clemência enquanto torturam e assassinam seu avô, que não havia fugido, pois achou que seria poupadão já que mal podia caminhar, são insuportáveis. Embora não sejam exceção: mais uma das centenas e milhares de desvarios, teratologias com que nos anestesiaram todos os dias.

Mesmo sendo eu resiliente por dever de ofício, pois trato do tema direitos humanos em uma coluna de rádio, e acompanho diligentemente Myanmar, Yemen, Síria, Bielorrússia e todo canto dessa transmutação fácil, fácil, de homens em monstros mais horrendos que os de Goya, achei que não aguentaria mais, e mergulharia na acídia, aquele pecado vituperado por Tomás de Aquino.

O intrigante, porém, foi eu tive a reação contrária. Fiquei mais chocada e desnorteada com a notícia seguinte. Atarantada, mesmo, com a eleição de Gabriel Boric. Meu corpo e mente estavam tão habituados à barbárie nossa de cada dia que demorou um tantinho para metabolizar a civilização. Estou, estamos tão desacostumados com lindas notícias que quase precisamos reprogramar para metabolizar a vitória do bem. Assim, maniqueísta, se preferirem.

Que Boric vai enfrentar dificuldades, ponto pacífico. Que ele representa uma nova esquerda, livre dos chavões cripto-stalinistas que prosperam *partout*, idem. Que ele é jovem, de outra geração, e isso pode ser tanto um empecilho como uma experiência inédita, de outra democracia e outra Constituição e outro modo de fazer política que tanto precisamos, idem.

Mas por enquanto quero apenas saborear o sentido recalcado da celebração, do contentamento, da esperança. Por enquanto, sei que a vitória de Boric é um fato de ressonâncias não apenas latino-americanas, mas mundiais. Por tudo que há de excêntrico. Por demonstrar que, assim como a história não acabou, como foi moda há tempos atrás, o novo normal pode morrer de morte natural logo.

Obrigada, Chile.

A alegria já veio.

***Marilia Pacheco Fiorillo** é professora aposentada da Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA-USP). Autora, entre outros livros, de *O Deus exilado: breve história de uma heresia* (Civilização Brasileira).